

O *camp* e o *queer* como resistência performática à heteronormatividade¹

Bruna Silva RODRIGUES²

Francisco das Chagas de MEDEIROS JUNIOR³

Sandro Soares SOUZA⁴

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

Resumo: Desde a segunda metade do século XX, os grupos minoritários inseriram-se em um processo de luta contra a heteronormatização que está arraigada à sociedade há anos. Movimentos de contracultura, como o *camp* e o *queer*, despontaram nesse cenário de resistência e de luta por espaços, até mesmo gerando discordância entre grupos de homossexuais assimilacionistas pelas divergências metodológicas. A síndrome da AIDS e a atribuição à gênese desta aos homossexuais provocaria um profundo retrocesso direcionado aos seus direitos civis e sociais.

Palavras-chave: Camp; Queer; heteronormatividade; resistência.

Gênese do *camp*

A primeira vez que se ouviu falar sobre o *camp* foi na obra literária de Christopher Isherwood (1954), chamado *The World in the Evening*. O livro conta a história do personagem Stephen Monk que, após o fim de seu casamento, começa a relacionar-se com outros homens e descobre sua bissexualidade latente. No romance, a sensibilidade e a teatralidade *camp* são tratados como “desvario”, não sendo definidas, em sua nomenclatura, como *camp*. A teorização do conceito nasce uma década depois, quando Susan Sontag (1964), publica o artigo *Notes on Camp*.

Composto por 58 notas, Sontag (1964) afirma no início de seus apontamentos que o *camp* não está ligado de forma natural à sensibilidade, pois tem como característica essencial o gosto pelo exagero, sendo algo inatural e esotérico. Para ela, o *camp*

Não se trata de uma forma natural de sensibilidade, se é que isto existe. Na realidade, a essência do *Camp* é sua predileção pelo inatural: pelo artifício e pelo exagero. *Camp* é esotérico — uma espécie de código pessoal, até mesmo um signo de identificação entre as igrejinhas urbanas (SONTAG, 1964, p.1.).

Existia ali uma busca por uma nova forma de expressão social, que não rompe por completo com os paradigmas do comportamento social. Para autora (1964, p. 9-10) o *camp*

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Estudante de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: bruna.rodrigs@gmail.com;

³ Estudante de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: juniormedeiros777@hotmail.com;

⁴ Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERN.

seria dividido em três espectros, sendo “a primeira sensibilidade, a da cultura erudita [...] basicamente moralista”. O *camp* é uma forma de comportar-se que passa pelos gestos, posturas, gírias e formas de falar; é baseado na teatralidade, frivolidade, humor aguçado e efeminação. As *Drag Queens* e todos aqueles que fogem à norma são exemplos bastante evidentes.

A sensibilidade *camp* não está depositada diretamente sobre os artefatos produzidos culturalmente por seus adeptos, mas na postura como o sujeito as expressa para o seu receptor. A performatividade é feita de forma voluntária e lúcida pelos emissários da mensagem, sendo essa prática endossada apenas a partir dos anos de 1960 - devido à tomada de consciência do conceito, quando ele ganha uma delimitação mais profunda. Este é um fato que representa o segundo tipo de sensibilidade, que, como a autora afirma é “a dos estados extremos do sentimento, representada em muitas artes de ‘vanguarda’ contemporâneas, ganha vigor por uma tensão entre a moral e a paixão estética” (SONTAG, 1964, p. 10).

No terceiro ponto, o *camp* é puramente estético, uma vez que não é preciso de legitimação oficial das formas artísticas e culturais. O que se busca é o exagero, o artifício e o excesso sem nenhuma pretensão conteudista. A busca está na reprodução dos objetos elitistas e aristocráticos. Mesmo não pretendendo anular o seu valor, essa reprodução é feita de forma irônica e bem humorada.

A sociedade é marcada por normas heteronormativas e quem vai de encontro ao usual acaba por ser rechaçado. De acordo com a sensibilidade *camp*, a saída menos dolorosa para os sujeitos é assumindo papéis irônicos e arquétipos, sendo assim a busca pela interpretação de papéis o caminho necessário para aceitação, como também do enfrentamento e da ruptura. Para Babuscio (2004),

Pagar de hétero é um fenômeno geralmente definido pela metáfora do teatro, ou seja, representar um papel, fingir ser algo que não se é; ou camuflar nossa homossexualidade, omitindo fatos sobre nós que possam levar outros a uma correta conclusão sobre nossa orientação sexual. (...) Esta prática (que pode ser ocasional, contínua, no passado ou no presente) força o indivíduo a estar sempre alerta aos padrões de gosto, comportamento, fala etc. que são geralmente associados aos papéis masculino e feminino definidos pela sociedade (BABUSCIO, 2004, p. 125).

A frivolidade e o exagero não faz da sensibilidade *camp* algo despolitizado e descompromissado, como é dito por Sontag. Para Lacerda Júnior (2011), o *camp* se mostrou transgressor e político, indo além de uma “sensibilidade homossexual” (SONTAG, 1964, p.

64). No entanto, pode “ser suavizado ou até apagado pela força de cooptação do capitalismo” (LACERDA JÚNIOR, 2011, p. 12). Um dos fatores que fazem com que o *camp* seja tão facilmente fragilizado em relação a questões políticas é o ar sarcástico e divertido empregado por seus interpretes, que podem até mesmo se autossabotarem. Abordando este ponto, Dyer (1999) afirma que

A diversão, o sarcasmo, tem seus inconvenientes também. Tende a levar a uma falta de seriedade perante qualquer coisa, tudo tem que ser lido via ironia, virar piada (...) Da mesma forma, a autoironia pode ter um efeito corrosivo sobre nós. Podemos continuar zombando de nós mesmos até acreditamos que somos meio patéticos mesmo, realmente inferiores (DYER, 1999, p. 111).

Dyer (1999) congratulava o *camp* pela sua postura agregadora, mas enfatizava que nem todos os homossexuais estariam confortáveis naquelas diretrizes, o que para ele poderia ser um fator de desmobilização da comunidade homossexual. Os homossexuais que atuavam politicamente, sendo mais presentes nos movimentos de empoderamento gay tratavam o comportamento *camp* como desengajado e puramente estético e visual, causando conflitos entre ambos.

A década de 1980 foi marcada pela epidemia de AIDS - associada na época aos homossexuais – o que direcionou ao recrudescimento das parcas conquistas dos grupos homossexuais, sendo todos estes ainda mais marginalizados.

Sobre o *queer*

A sexualidade, nos últimos dois séculos, vem sendo alvo de uma grande visibilidade por parte de diversas áreas, como a psiquiatria, sociologia, religião, educação, antropologia, tornando-se, assim, uma questão social. Diante deste fato, a sexualidade vem sendo analisada e compreendida de acordo com numerosos pontos de vista. Hoje, ampliaram-se o número de instituições que se colocam no direito de ditar regras e normas, definindo-lhe padrões de pureza, sanidade ou insanidade, delimitando-lhe os saberes e as práticas pertinentes, adequados ou infames mantendo, assim, a sexualidade em uma posição de controle e vigilância (LOURO, 2001).

As minorias, contemporaneamente, conquistaram uma maior visibilidade do que outrora, levando-as, assim, ao encontro de grupos conservadores, que não aceitam a sexualidade além do binarismo heteronormativo. De acordo com Louro (2001, n.p.) *apud* La Gandhi Argentina, “as minorias nunca poderiam se traduzir como uma inferioridade numérica mas sim como maiorias silenciosas que, ao se politizar, converte o gueto em

território e o estigma em orgulho – gay, étnico e de gênero”. A maior apresentação ao mundo da pluralidade sexual acaba por ter efeitos contraditórios, pois há quem apoie e consuma seus produtos culturais, se veja na mesma condição e passa a, explicitamente, fazer parte deste grupo, como também intensifica a repulsa por parte dos conservadores, que investem tempo e elucubrações em campanhas à favor da família nuclear, fomentando a violência verbal e física para aqueles que não concordam com o seu posicionamento. Destarte,

O grande desafio não é apenas assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e, então, que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários; mas também admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira” (LOURO, 2001, n.p.).

Com parte dos sujeitos inserindo-se à fronteira, negando-se à identificação binária que se é imposta por séculos, os modelos passam a quebrar-se, mostrando que é preciso ampliar o pensamento e o olhar para além do usual e socialmente construído, pois “o anseio pelo cânone e pelas metas confiáveis é abalado” (LOURO, 2001, n.p.). Felizmente, os sujeitos transpassam-nas, não se vendo mais inseridos às clausuras impostas.

A ideia do sujeito homossexual não é um termo existente durante toda a história da humanidade⁵. O surgimento desta definição é advindo da segunda metade do século XIX, onde os sujeitos das práticas denominados de sodomitas passaram a ser definidas como “um tipo especial de sujeito que viria a ser assim marcado e reconhecido” (LOURO, 2001, p. 542). Todos aqueles que fogem à norma heterossexual são obrigados a viver em segredo e segregado, pois, caso sigam de encontro a isto, estarão impostos à violência e rejeição social.

A partir dos anos de 1970, houve um avanço em relação às questões sobre gênero e sexualidade. Nos EUA e Inglaterra os movimentos de auto-organização das minorias sociais surgiram a partir de reuniões que beiravam a clandestinidade, como também de aparelhos culturais. No Brasil, não foi diferente. Como foi exposto por Louro (2001, p. 543) alguns artistas optaram por se desvincularem da associação equivocada de gênero e sexualidade, fazendo apresentações performáticas onde era incerta a identificação de feminino e/ou masculino, o que fazia com que provocasse a sociedade, que não conseguia – e ainda não consegue – enxergar tal atitude como algo natural das dissidências humanas. Surgiu também, em 1975,

⁵ Antes, existia a ideia de sodomia, que é a relação amorosa e sexual entre dois homens. No entanto, era tida como indesejável ou pecaminosa, mas que era possível render-se.

O Movimento de Libertação Homossexual no Brasil, do qual participam, entre outros, intelectuais exilados/as durante a ditadura militar e que traziam, de sua experiência no exterior, inquietações políticas, feministas, sexuais, ecológicas e raciais que então circulavam internacionalmente (LOURO, 2001, p. 543).

A partir destes acontecimentos, os movimentos pró-minorias homossexuais vem se consolidando e, assim, a ideia de uma comunidade homossexual é criada de forma gradativa: a agenda se multiplica, intelectuais inseridos em instituições estrangeiras publicam artigos, jornais e revistas sobre temas voltados a esse público, a homossexualidade passa a ser teorizada, sujeitos que são referência nas artes e na academia passam a se assumir publicamente, a militância cresce cada vez mais, fazendo com que um maior número de pessoas se libertem e se permitam “sair do armário”. Desta forma, “gays e lésbicas eram representados como ‘um grupo minoritário, igual mas diferente’; um grupo que buscava alcançar igualdade de direitos no interior da ordem social existente, [construindo] ‘uma identidade enquanto grupo social’” (LOURO, 2001, p. 543-544).

A representatividade da homossexualidade, mesmo com numerosos pontos positivos, indica também um caráter disciplinador, uma vez que a identidade homossexual é ligada à escolha amorosa dos sujeitos, definindo como homossexual aquele que mantém relações sexuais e amorosas com alguém do mesmo sexo. No entanto, como colocado no livro *A história da sexualidade*, do filósofo francês Michel Foucault (2007) e, posteriormente, em *Problemas de gênero* da filósofa norte-americana Judith Butler (2012), esse não é o fator base para ser definida a identidade de gênero de um indivíduo, pois ambas as coisas não tem ligação direta. Não necessariamente um sujeito homossexual se envolverá sexualmente com pessoas do mesmo sexo. Outra questão debatida é o fato de que a ideia colocada por volta dos anos de 1970 exclui outras identidades, como a bissexual e a transexual. Por conta disso, a divergência se multiplicava cada vez mais dentro da comunidade.

No início da década de 1980, a intolerância aos grupos homossexuais por setores conservadores da sociedade passou a ser ainda mais gritante, com o surgimento da AIDS – esta síndrome ficou conhecida por um período como o “câncer gay”. Entretanto, o mesmo fato causou efeitos contrários benéficos até mesmo em sujeitos que não fugiam à norma sexual, com o surgimento de redes de solidariedade a pessoas soropositivas. Louro afirma que a consequência das redes de solidariedade

São alianças não necessariamente baseadas na identidade, mas sim num sentimento de afinidade que une tanto os sujeitos atingidos (muitos, certamente, não-homossexuais) quanto seus familiares, amigos, trabalhadores e trabalhadoras

da área da saúde, etc. As redes escapam, portanto, dos contornos da comunidade homossexual tal como era definida até então (LOURO, 2001, p.545).

A partir de então, os discursos são direcionados às práticas sexuais – enfatizados, principalmente, ao sexo seguro – e não apenas às identidades de gênero. Ao mesmo tempo, a homofobia mostra-se cada vez mais cruel, com a reprodução da metáfora de que a ‘homossexualidade pega’. Segundo João Silvério Trevisan, desencadeou, então, uma ‘epidemia de informação’, uma vez que o homossexual é visto pela sociedade, percebendo que pode estar inserido em qualquer ambiente, não sendo uma realidade distante, como se era imaginado.

Havia grupos que estavam em busca da tão esperada igualdade sexual e de gênero, enquanto outros acreditavam que o ideal era a quebra de poder direcionado ao heterobinarismo. Assim, esse último grupo tinha como objetivo

Desafiar as fronteiras tradicionais de gênero e sexuais, pondo em xeque as dicotomias masculino/feminino, homem/mulher, heterossexual/homossexual; e ainda outros não se contentam em atravessar as divisões mas decidem viver a ambiguidade da própria fronteira (LOURO, 2001, p.546).

Via-se, então, a necessidade da criação de um pensamento e formulações pós-identitárias, onde os sujeitos que fogem a norma e decidem estar à fronteira sejam englobados aos debates sobre minorias sexuais. A partir desta máxima, teóricos e intelectuais uniram-se para debater, em meados da década de 1990, questões de gênero e sexualidade tendo como base o pensamento pós-estruturalista francês, assim como acreditam na desconstrução para a obtenção do entendimento sobre as mais diversas dissidências sexuais. Como diz Seidman (1995, p. 125), os teóricos *queer* “imaginam o social como um texto a ser interpretado e criticado com o propósito de contestar os conhecimentos e as hierarquias sociais dominantes”.

Com base nas divergências existentes entre alguns teóricos e o pensamento da sociologia canônica, decidiu-se pela criação de uma nova forma de pensamento relacionado às minorias sexuais e de gênero. Desta forma, por volta do fim da década de 1980, nos Estados Unidos, pesquisadores de áreas da Filosofia e da Crítica Literária foram os primeiros a esboçar estudos sociológicos sobre o *queer*, pois o que existia até então era a não ruptura completa ao sistema heterossexual, já que todos, incluindo os homossexuais, estavam enquadrados à lógica normativa.

Não foi aleatoriamente que o termo *queer* surge para denominação dos estudos na área das dissidências de gênero e sexualidade, mas por ser marcado por uma série de degradações sociais históricas. Sendo alçado agora a outro patamar. Quem primeiro

empregou o termo *Queer Theory* foi Teresa de Lauretis (1990), na Califórnia. Desde a gênese, os estudos tinham como marco político o enfrentamento aos estudos gays e lésbicos assimilacionistas. Esse enfrentamento não se dava com intuito de aniquilação dos discursos, mas como alerta para os estudos gays e lésbicos das armadilhas do hegemônico. O *queer* aponta para as fraturas do sujeito, o caráter efêmero e contextual e busca alianças para se contrapor aos regimes normalizadores que criam identidades e o seu outro.

Com o intuito de aprofundamento dos estudos sobre o *queer*, os teóricos foram em busca de bases filosóficas. Assim, viram em *A história da sexualidade I: a vontade de saber*, de Michel Foucault (2007) e *Gramatologia*, de Jacques Derrida (1967) uma oportunidade de distanciar os estudos *queer* do que fora colocado até então pelas ciências sociais.

A contribuição da obra de Foucault (2007) está direcionada à contrariedade existente na sociedade. Segundo o autor, o que acontece com o senso comum é o fato de que se “fala prolixamente do seu próprio silêncio, obstina-se em detalhar o que não diz; denuncia os poderes que exerce e promete liberar-se das leis que a fazem funcionar” (FOUCAULT, 2007, p.32). Com isso, a ideia que é construída, segundo Miskolsci (2009), é de que

a sexualidade não é proibida, antes produzida por meio de discursos. Ao expor e analisar a invenção do homossexual, ele mostrou que identidades sociais são efeitos da forma como o conhecimento é organizado e que tal produção social de identidades é “naturalizada” nos saberes dominantes. A sexualidade tornou-se objeto de sexólogos, psiquiatras, psicanalistas, educadores, de forma a ser descrita e, ao mesmo tempo, regulada, saneada, normalizada por meio da delimitação de suas formas em aceitáveis e perversas. Daí a importância daquelas invenções do século XIX, a homossexualidade e o sujeito homossexual, para os processos sociais de regulação e normalização (MISKOLSCI, 2009, p. 153).

As contribuições de Jacques Derrida (1967), com o conceito de complementaridade e à perspectiva metodológica da desconstrução, também foram bastante importantes para a construção da teoria *queer*. O primeiro, parte do pressuposto de que os “significados são organizados por meio de diferenças em uma dinâmica de presença e ausência, ou seja, o que parece estar fora de um sistema já está dentro dele e o que parece natural é histórico” (MISKOLCI, 2009, p. 153). Seguindo essa lógica, a heterossexualidade necessita da existência da homossexualidade para a sua própria definição, tendo o sujeito heterossexual colocando-se como tal a partir da oposição entre ambos, a partir da afirmação daqui que não é: um indivíduo homossexual (MISKILSCI, 2009, p. 153). Assim,

Este procedimento analítico que mostra o implícito dentro de uma oposição binária costuma ser chamado de desconstrução. Desconstruir é explicitar o jogo

entre presença e ausência, e a complementaridade é o efeito da interpretação porque oposições binárias como a de hetero/homossexualidade, são reatualizadas e reforçadas em todo ato de significação, de forma que estamos sempre dentro de uma lógica binária que, toda vez que tentamos quebrar, terminamos por reinscrever em suas próprias bases (MISKOLSKI, 2009, p. 153-154).

A sexualidade para Foucault era um dispositivo histórico de poder que caracteriza as sociedades modernas ocidentais. O sexo estava inserido nos sistemas de unidade e regulação social²⁹. Teóricos como Eve K. Sedgwick, David M. Halperin, Judith Butler e Michael Warner passaram a adotar a mesma linha teórica foucaultiana sobre a sexualidade. Os estudos "queer" colocam como central o binarismo- homossexual/heterossexual-, evidenciando criticamente a política do conhecimento e da diferença. Steven Seidman dizia que o queer era “daqueles conhecimentos e daquelas práticas sociais que organizam a ‘sociedade’ como um todo, sexualizando – heterossexualizando ou homossexualizando – corpos, desejos atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais”³⁰.

Conclusão

Os últimos dois séculos foram notadamente marcados por um esforço social de normatização. Mesmo assim, emergiram diversos movimentos que contestavam o estabelecido. O *camp*, nascido na década de 50 com Christopher Isherwood, busca reordenar os espaços destinados às suas sensibilidades mais íntimas, e assim –mesmo que sem pretensão direta- abrir fissuras na sociedade. Sontag discorria do seu caráter político, porém tratar de forma irônica, despretensiosa e teatral nossos papéis sociais também é fazer política. O *queer*- gestado na década 90- também é um contestador social. A busca pelo não binarismo o coloca como ebulidor dos padrões ao lado do *camp* na reformulação social.

Nesta sociedade notadamente patriarcal que usa da violência simbólica, física e monetária para assumir sua posição privilegiada é normal que, em alguns momentos, movimentos de contra cultura sejam atacadas dentro da sua base- cooptando discursos, membros e falas- para desqualificar, higienizar e mudar o seu sentido para a sociedade do capital. Entretanto, dentro de movimentos tão pujantes ataques como esses só impulsionarão o seu íntimo transgressor, sendo assim lastro para novas fronteiras serem rompidas. Em cada contestação frívola, estética, efeminada, *queer*, *camp* estaremos rompendo com as barreiras e normas que nos aprisionam- mesmo que para alguns isso não

seja válido. Crer nesse papel agregador do *camp* e dos movimentos de enfrentamento é conceber o futuro de lutas por espaços que são tão seus.

Referências bibliográficas

BUTLER, Jufith. Problema de los géneros, teoría feminista y discurso psicoanalítico". In: NICHOLSON, J. Linda (Org.). *Feminismo/posmodernismo*. Buenos Aires: Feminaria Editora, 1992.

COLLING, Leandro. Teoria Queer. In: **Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/TEORIAQUEER.pdf>> Acesso em 13. de Mar 2013

DERRIDA, J. De la Gramatologie, Paris: Minuit, 1967.

DRUMMOND, Maria Rita. “Sou uma pessoa profundamente superficial”. In: **Revista Getulio**. São Paulo. Ed. 21, 2010.

FOUCAULT, M. História da Sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

ISHERWOOD, Christopher . The world in the Evening. In: **Camp Queer Aesthetics and the Performing Subject** : A reader, ed. Fabio Cleto. Michigan: University Of Michigan Press, 1999.

LACERDA JÚNIOR, L.F.B.. *Camp* e a cultura homossexual masculina: (des)encontros. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. **Anais...** Recife: INTERCOM/ UNICAP, 2011. 1 CD-ROM.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer – Uma política pós-identitária para a educação. In: **Estudos feministas**. Florianópolis, 2001.

MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica de normalização. In: **Sociologias**. Porto Alegre, 2009.

SEIDMAN, Steven. **Beyond the Closet: the transformation of gay and lesbian life**. New York: Routledge, 2002.

SONTAG, Suzan. “**Notas sobre Camp**”. Contra a interpretação. Porto Alegre: L&PM, 1997.